«Trabalhadores! Sois pequenos porque estaes de joelhos. Levantaevos!

O SYNDICALISTA

ANNO IV — NUMERO 4 | ORGAM DA FEDERAÇÃO OPERARIA DO RIO GRANDE DO SUL — PORTO ALEGRE | 11 de JANEIRO DE 1923

O movimento grevista da Classe Padeiral

A Justiça d'uma causa

O movimento em que se encontram empenhados os padeiros desta capital obedece aos mais justos reclamos da classe padeiral e muito especialmente, aos interesses da população em geral.

O Syndicato Padeiral não é só a guarda avançada da classe que representa. Visa tambem os interesses do publico consumidor, cuja maioria é composta de trabalhadores que soffrem as consequencias da voracidade burgueza.

O excesso de trabalho a que são submettidos os operarios padeiros concorre para o desenvolvimento de um sem numero de molestias que os vai minando lentamente o organismo até o desenlace final de uma morte prematua Emquanto, porèm, o operario póde trabalhar, acicatado pela necessidade, vae trabalhando e saturando o seu trabalho com os germens da molestia que lentamente o abate.

E' bem de vêr a que consequencias ficam expostos os consumidores que pela manhã recebem o pão que vae alimentar a todos inclusive crianças. Não é que propriamente no pão em si esteja o perigo. Mas, nas padarias ha os objectos de trabalho, masseiras, toalhas, pannos, balaios, taboleiros, etc. para o acondicionamento e levedação do pão.

Esses objectos e pannos geralmente são lavados quando já se não distingue mais a côr tal a sugeira de que estão empregnados; e com essa sugeira estão mesclados os germens de todas as molestias que dahi se transmittem ao pão que é levado ao publico.

Accrescente-se a isso a pessima qualidade da farinha, a mistura de farinha de mandioca, a ausencia de banha e, ter se-á o pão intragavel que è offerecido á população com o sacrificio de ma classe laboriosa e para gaudio de uma meia duzia de «novos ricos», cujas fortunas crescem da noite para o dia.

E não contentes com o ganho exorbitante que auferem os proprietarios de padarias, vendo se ameaçados de largarem mais alguns vintens para o operario esmagado pelo excesso de trabalho, organizam um «trust», com o arremedo de Sociedade Patronal, mas cujos intuitos são já bem patentes para que alguem se engane.

Trata-se de eliminar os pequenos concorrentes para depois impôr aos operarios condições e ao publico o preço de pessima mercadoria.

Contra tal estado de cousas se insurgiu a classe padeiral quando começaram as primeiras imposições da organização do «trust» patronal.

E agora vae ter a população de Porto Alegre a revelação de muita immundice, occulta em padarias que são verdadeiros antros de exploração.

Revelaremos tudo isso pelos nossos jornaes e por publicações nossos, pois, o grande imprensa calla essas cousas que interessam a saude do povo, mas que ferem interesses de meia duzia de argentarios, cujas fortunas, extorquidas tão miseravelmente, servem para pagar os serventuarios das cloacas das «secções livres», donde jorra a esterqueira com que os proprietarios de padarias tentam suffocar a classe trabalhadora nas suas mais justas reivindicações.

Esses senhores querem fazer crer ao publico que uma das condições apresentadas pelo Syndicato. Padeiral, visa proteger, os repartidores que não prestam contas à respectiva casa.

E' mentira. O Syndicato quer é annullar a perseguição que com aquelle pretexto, querem exercer os patrões contra aquelles dos padeiros que, por suas idéas e amor á classe, são considerados perigosos para os patrões. O que os patrões querem é um pretexto para pôr fôra da classe todo aquelle que se salientar por seu espirito rebelde á exploração e á miseria. O que os patrões querem é annullar, liquidar, a organização padeiral que é um espantalho para as desmedidas ambições.

Contra isso é que o Syndicato Padeiral luta e essa luta pelas suas reivindicações está intimamente ligada aos interesses da população, pois o melhoramento das condições de trabalho dos padeiros, redundará em beneficio geral, tanto mais que o Syndicato está disposto a denunciar á população as padarias que, por suas condições de pessima hygiene, offerecem serio perigo á saude dos consumidores.

A justiça da causa padeiral, dá nos a certeza do seu triumpho; triumpho que se reflectirá explendidamente entre toda a classe trabalhadora que lhe presta decidida solidariedade neste momento de tão duras e decisivas provas.

Trabalhalhadores!

Tudo pelo causa dos grevistas que nesta hora incarnam as mais justas reivindicações da nossa classe em geral!

9 — 1 — 23.

MARIO D'ALBOR

O inicio da greve

Como sabem todos desde o dia 2 do corrente, foi proclamada a gréve geral da classe padeiral para a reivindicação de varias melhoras e contra disposições que estão sendo feitas á classe por uma colligação de proprietarios de padarias.

Desde esse dia o Syndicato Padeiral, designou um Comité de gréve para oriental-a e tem realizado sessões diarias.

A solidariedade da classe tem sido a mais perfeita possivel, abandonando todos o trabalho, ao ser conhecida a resolução do Syndicato Padeiral.

Reuniões

O Comité de Greve tem effectuado varios comicios internos com o intuito de esclarecer os trabalhadores em geral sobre os motivos da gréve.

A solidariedade da Federação Operaria

A F. O. R. G. S. em reunião dos delegados resolveu prestar toda a sua solidariedade ao movimento padeiral.

Nas associações de Classe

Realisaram reuniões para tomar conhecimento do actual movimento e a elle hypothecaram toda a solidariedade a seguintes associações de classe:

Syndicato dos Pedreiros e Classes Annexas.
Syndicato dos Canteiros.
Syndicato dos Marcineiros.
Syndicato dos Sapateiros.
Syndicato dos Confeiteiros.
Sozial Arbeiter Verein.
Partido Communista.
União dos Camponezes 500 filiados.

Comicios

O Syndicato Padeiral realisou, um comicio sabbado passado, com grande concorrencia, para explicar ao povo os motivos pelos quaes declarou a gréve.

Secundando o Syndicato Padeiral, a Federação Operaria, representando todos os Syndicatos a ella filiados, realizou dois comicios nos quaes demonstrou sua solidariedade ao Syndicato Padeiral e a solidariedade dos trabalhadores em geral á causa dos companheiros padeiros.

O primeiro que foi domingo passado, effectuou-se na praça da Alfandega e, que causou a melhor impressão possivel na população, pois a causa dos padeiros é a causa da população em geral.

O segundo foi, na quarta feira, na Avenida Eduardo, para explicar aos operarios daquelle bairro os quaes applaudiram os oradores que fallaram hypothecando desse modo a sua solidariedade.

Declaração Necessaria

Reproduzimos a secção livre que os repartidores resolveram publicar, no «Correio do Povo», em resposta a uma outra dos proprietarios de padarias:

Para elucidação do publico em geral, vimos demonstrar a verdade dos factos que originaram esta lucta, travada entre patrões e operarios, em resposta ao sr. David Berão que, em secção livre do *Correio do Povo*, de domingo, 7 do corrente, disse: "que nós, repartidores, devemos ensinar a freguezia ao novo repartidor e liquidar as nossas contas ao deixar uma dada casa, e *que não comprehende repartidor por conta propria* e que o *trust* é uma mentira nossa».

Pois bem. Não acha o sr. David que é irrisoria essa pretenção, por quanto os REPARTIDORES POR CONTA PROPRIA, (cuja denominação e creação é sua, pois, foi elle quem, em primeiro logar, pôz em pratica, em sua padaria, cujo repartidor) compra o dito reparto, por centenas de mil réis, e, depois, presentear ao sr. David, que já accumulou muitos contos de réis, com a fabricação de pão?

Quanto a liquidar nossas contas, ao deixar uma casa, não tem o sr. David necessidade de fallar, porquanto, em regra geral, sempre temos cumprido esse dever, que julgamos de honra e, só excepcionalmente, isso póde acontecer, pois, quando alguns freguezes não nos pagam não iremos roubar para entregar aos proprietarios de padatrias.

Se esquece o sr. David, do que dizia: «que não levariam dois annos que não se fundasse em Porto Alegre uma Companhia Panificadora para se vender o pão ao preço que conviesse á dita Companhia?»

Só com isto, estariam respondidos os pontos que merecem esclarecimentos de toda a *lenga-lenga* firmada pelo presidente da tal União dos Proprietarios.

Mas, precisamos fazer uma explicação summaria, embora sobre o seguinte: O repartidor que ganha 30°/o paga o pão, diariamente, no balcão, responsabilisando se, portanto, pelos fiados;

Que o material rodante é fornecido aos repartidores por iniciativa do proprio sr. David, presidente da tal... pois, dizia elle — «para estimular aos repartidores a uma grande venda de pão».

Que, quando o repartidor fornece pão para ser revendido nas vendas, o dito repartidor só ganha 5°/o;

Que no fim de contas, o repartidor vem a ganhar, em media, 10 °/o.

Portanto, os srs. patrões, quanto mais fallam mais cahem no conceito do povo, porque «mais depressa se pega um mentiroso do que um coxo».

Os repartidores em gréve.

As condições de volta ao trabalho

Condições sob as quaes os padeiros voltarão ao trabalho:

1° — Não reconhecemos a Sociedade Patronal, pois, só acceitamos as propostas que forem assignadas por cada um dos proprietarios de padarias, com suas respectivas firmas assignadas de proprio punho;

2° — Os repartidores são livres de sahirem ou entrarem em qualquer casa, vendendo pão a quem bem entenderem quando forem trabalhar seja para que casa fôr, competindo aos respectivos patrões se confiarem ou não no repartidor para lhe darem ou não pão fiado;

3° — Os padeiros que trabalharem de dia o farão sempre de dia e da mesma forma os que trabalharem á noite; attendendo sempre ás suas preferencias;

4° — Completa hygiene das quadras, e da ferramenta, mantendo sempre os taboleiros e machinas em condições de se poder trabalhar;

5° — No caso do serviço augmentar deverá ser augmentado tambem o pessoal relativamente ao augmento de serviço;

6° — Deverá continuar trabalhando todo o pessoal actualmente em gréve;

7° — Todo o proprietario de padaria que acceitar as presentes condições deverão enviar directamente ao Comité de Gtéve, na nossa séde social, não sendo absolutamente acceitas propostas indirectas.

O movimento padeiral

Numa das suas ultimas reuniões o Syndicato Padeiral fixou as condições unicas com a satisfação das quaes voltarão ao trabalho.

Conforme se vê das referidas condições, que publicamos noutro lugar, ás exigencias que os grévistas fazem são razoabilissimas e só o enperramento d'alguns patrões as poderá julgar exaggeradas e só o espirito preconcebido de hostilizar a organisação padeiral as achará inacceitaveis.

O Syndicato Padeiral, agremiação antiga e tradiccional, orgão legitimo da classe, não póde reconhecer autoridade para a Sociedade Patronal tratar das condições de volta ao trabalho e, por isso, exige que aquellas condições sejam firmadas individualmente pelos proprietarios de padarias.

Não é que se negue a esses senhores o direito de se associarem; mas não é possivel depositarmos confiança numa organização surgida do pé p'ra mão d'entre meia duzia de individuos, arvorados em representantes da classe patronal, com intuitos visivilmente absorventes e eliminatorios dos pequenos proprietarios e com visiveis intenções de açambarcamento. Esse agregado, sem nenhuma garantia de estabilidade, quer entrar em relações com a nossa classe e, em nome dos patrões, firmar condições. Mas quem nos garante que amanhã não esteja elle dissolvido e, consequentemente, os patrões exonerados do compromisso ? Já tivemos aqui em Porto Alegre o exemplo da União dos Constructores e nos basta. Portanto a primeira condição de volta ao trabalho da classe padeiral é a acceitação de todas as condições firmadas individualmente por cada proprietario de padaria.

Outra condição é a liberdade dos repartidores. Com o intuito de só ganharem, sem o minimo prejuizo, os proprietarios de padarias collocaram os repartidores em condições especiaes. O repartidor compra diariamente o pão que reparte, por sua conta propria e risco, sujeitando-se a todos os prejuizos; procura augmentar o numero de freguezes que são seus, pois que quando elles deixam de pagar, é o repartidor que arca com o prejuizo, nada perdendo o patrão ; muitas vezes o repartidor para augmentar a freguezia compra dalgum collega o *reparto*, pagamento com o seu dinheiro. Ora, é essa freguezia, com a qual nada ter que ver o patrão quando ella *caloteia* o repartidor, que se pretende que este, ao sair de uma casa traspasse para a mesma.

Ninguem em bôa logica poderá deixar de concordar com os repartidores. Esses são meros commissarios e, como taes, sujeitos a todos os prejuizos que lhes possam dar os committentes. Como negar que sejam estes freguezes não do patrão mas do repartidor ?

Os patrões querem que o repartidor se esforce para fazer freguezia por sua conta e um bello dia, ponha-o na rua, substituindo-o por um rapaz qualquer que só tem o trabalho de entregar o pão nos locaes ensinados pelo repartidor.

Em linguagem vulgar isso chama-se «fazer a cama para os outros». E' isso que os padeiros não querem e põem como condição de volta ao trabalho a liberdade do repartidor de dispôr do producto do seu esforço em beneficio proprio e não dos patrões que não querem assumir nenhuma responsabilidade nos prejuizos e só querem saber do *cobre* que lhes traz diariamente o repartidor.

Esses são os pontos capitaes da exigencia dos padeiros, e como se vê, são as mais rasoaveis e justas possiveis e visam acautelar os direitos profissionaes de uma classe de trabalhadores sacrificados sob todos os pontos de vista.

O que se refere á hygiene, e limpeza das padarias, o Syndicato Padeiral., deante do descaso de tal assumpto, por parte dos poderes publicos, não podia deixar em silencio, pois, seria trair á população se não se esforçasse para compellir os patrões a sanear um pouco a manipulação de um genero de tão importante consumo.

Entre os proprietarios ha mnitos bastante rasoaveis para reconhecer a justiça da causa dos padeiros e só persistem na negativa, sugestianados pela parlapatice de uns poucos de individuos que se arvoram em procuradores daquelles que só procuram para si...

Estamos certos que os patrões mais ponderados em breve sacudirão o jugo que lhe querem impôr e procurarão o Syndicato Padeiral para restabelecer a normalidade de relações entre patrões e operarios.

Emquanto isso se não dér aqui estaremos nós, a Federação Operaria do Rio Grande do Sul e o seu legitimo orgam *O Syndicalista*, ao lado dos padeiros, hontem como hoje, hoje como sempre!

Avante, pois !

Resposta ao Pica-Pedreiro

Por motivo da gréve dos padeiros, e, por sahir «O Syndicalista» só em 2 paginas, preterimos para o proximo numero a resposta ao «Pica Pedrero» a qual já está escripta.

Decerto não perdeu por esperar,

Edificante !

Os proprietarios de padarias queimam carroças para fazerem crer que são os padeiros que assim procedem.

Os proprietarios da Padaria Mineira, que são dois, e, em cuja padaria morava um delles, com a respectiva familia e o qual depois de declarado o movimento grévista, retirou sua familia da padaria indo morar em outro predio, foram visto por um barbeiro passarem para o seu estabelecimento, á 1 hora da madrugada de terça-feira.

Mas ou menos ás 4 horas, da madrugada, ouviram-se alguns tiros disparados para o ar, pelos proprios proprietarios os quaes diziam que alguem teria incendiado uma de suas carroças.

Acudindo, como era natural, varias pessoas da visinhança verificaram que a carroça queimada era mais velha e que os tiros eram effectivamente disparadas para o ar e não souberam os proprietarios dar informações sobre as pessoas que, diziam elles, estavam queimando as carroças.

Todas as pessoas ficaram plenamente convencidas de que aquelles proprietarios de padaria foram os autores do incendio das carroças, deante do testemunho do barbeiro que affirmou o facto de terem os dois socios passado para a padaria á 1 hora.

E' o inicio de uma pantomina, na qual se pretende fazer crer, que os padeiros estão já queimando carroças, para justificar uma intervenção de força.

Que avalie o publico e que julgue de que maneira torpe pretendem os proprietarios agir contra os padeiros.

Gréve dos linotipystas de Pelotas

Segundo telegramma recebido nesta capital, os linotypistas que trabalham no *Diario Popular* e *Jornal da Manhã* declararam-se em gréve por motivo de ter aquellas emprezas tentado reduzir-lhes os preços de linha.

Os preços que estavam vigorando eram os mesmos desta capital, sendo que os linotypista de Pelotas, telegrapharam solicitando a solidariedade dos linotypista de Porto Alegre.

Estamos certos que os camaradas linotypistas daqui estão solidarios com os de Pelotas, não acceitando nenhuma proposta emquanto não se solucionar a gréve que por motivos tão justos declararam os linotypistas pelotenses.

Revista Liberal

No proximo mez de Fevereiro, em que commemora o seu 2.º anniversario, deverá reapparecer a *Revista Liberal*, que apparece nesta capital sob a direcção de Polydoro Santos.

A educação moral dos trabalhadores

Tomando em consideração que quanto mais denso forem, na actualidade, os agrupamentos humanos mais immoraes se manifestam, porque dentro delles se chocam caracteres despares, inconscientes e perniciosos, o trabalho dos que veem e aspiram melhores dias tem que ser arduo, para fazer comprehender a moral de que falamos, que, sendo pratica, é pura conducta individual. Assim, é preciso que modifiquemos, por completo, os nossos detestaveis habitos de vida nos locaes de trabalho e que dão logar, a cada momento, ao augmento de depravação a que chegam as crianças e os adolescentes que vivem em contacto comnosco. Se nós, os operarios adultos, não exemplificarmos e não nos interessamos por essa gente nova, ainda na ignorancia da vida, inexperiente e, por consequencia, predisposta á corrupção, se a deixarmos entregue aos elementos perigosos que a cercam —os nossos companheiros de trabalho, depravados, viciados e ignorantes, que, pela sua incultura e rudez animalesca fazem garbo em perverter os jovens —cooperarmos, com isso, para a nossa propria escravidão, e, ainda mais, o que é monstruoso dando provas de incapacidade moral revelamos, com desbrio, que não estamos expurgados de grosseiros instinctos, justificaveis em homens primitivos e não nos do tempo presente, alardeamos essa immoralidade. Além disso, se somos paes, revelamos ainda inepcia em educar nossos proprios filhos, visto que não nos importa depravar os filhos alheios.

O saneamento moral da fabrica, da officina, dos locaes do trabalho, em geral, deverá ser feito por nós, tornando-nos, como é preciso, aptos a exercer influencia benefica naquellas que ao nosso lado crescem e a quem devemos os melhores exemplos, as provas mais robustas de carinho e assistencia, forçando com isso, aos que mandam, a se humanizarem tambem.

Ha uma dignidade e uma moral de palavras, abstractas, insubsistentes, que são mera hypocrisia e de cuja influencia perniciosa ninguem mais duvida. Essas são detestaveis e devem ser combatidos, onde quer que se apresentem. Preconizamos a moral que eleva a dignidade; concreta, que exemplifica, que vive em actos, continua e integra.

E aqui fica uma suggestão que é velha fórmula, muito repetida : o verdadeiro homem, respeitando-se a si mesmo, respeita seus semelhantes e ainda mais áquelles que por sua tenra idade, não têm noção de responsabilidade social, nem do valor de seus actos.

Carlos Dias.

Manifesto

O Syndicato de Canteiros e classes annexas — Vem a publico explicar as causas que determinaram o actual movimento grévista nas pedreiras do Estado, em Serraria.

Esta pedreira está sob a direcção dum individuo que diz chamar-se José Branco (cujo nome era em São Paulo Antonio Branco) que algum dia já fez parte deste syndicato, onde dizia havia militado nas fileiras operarias em São Paulo e Rio, e em todas as partes onde andou.

Como fosse elle quiça o unico que se prestava para lacaio da burguezia acceitou o posto que occupa (capataz) fazendo-se sentir immediatamente sua perseguição injusta contra os trabalhadores.

Principiando naturalmente a perseguir os camaradas serventes (como parte mais fraca) obrigando-os fazer um esforço superior as suas forças ameaçando-os e attemorisando-os, dando tiros e exhibindo as armas em horas de serviço.

Isto deu motivo a que dois camardas canteiros protestassem e que por cuja causa foram demettidos do serviço.

Qual a attitude deste syndicato em tal assumpto ? Prestar solidariedade incondicional aos nossos camaradas visto não haver causa a justificar o acto do dito capataz resolvendo todos os camaradas conscientes abandonar o serviço em signal de protesto contra o acto selvagem do dito capataz.

Todos estes factos foram levados ao conhecimento do engenheiro chefe da dita secção que como é habitual applaudiu o acto do capataz

Não nos causou estranheza pois que todos os governos tem por base o crime e a opressão sem que lhes seria impossivel governar, assim sendo é claro que o crime só póde ser praticado por um criminoso e o criminoso só póde ser apoiado e defendido por outro ; e para justificar o contrario bastaria demittir o dito capataz.

Será que o seu Branco quer seguir o exemplo do seu chefe supremo tornando-se tambem dictador ?

E' o que parece.

O espaço de que dispomos não nos permitte descrever a scena commovente que se deu quando as familias abandonaram o acampamento, debaixo de chuva torrencial, ás vossas companheira de soffrimentos com os filhinhos nos braços expostos a todos os perigos e consequencias !

Nada disso commoveu o carrasco Branco, pelo que mais firme se torna a nossa solidariedade áquelles camaradas decididos a não retomar o trabalho até que seja demittido aquelle carrasco pedindo á todos os camaradas que não vão trahir o movimento naquellas pedreiras.

A Commissão Executiva,